

QUINTA-FEIRA
Lisboa--25 de Abril--1929

ca Sr. **OSTOES**
Laren

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura.

sempre **153**



fiwe

semanario
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O bravo paladino das regalias do inquilinato





Os ditos da semana



O Parque Dentro de trez anos estará concluido o Parque Eduardo VII. Para conseguir esta maravilha aproveitou-se o que já estava feito pela natureza, tão certo é que as obras da natureza são sempre as mais perfeitas.

Onde a natureza tenha feito uma cova enterraram-se umas centenas de barricas de cimento e fez-se um lago. Onde a natureza fez um monte construe-se um palacio de jogos, para dar razões de ser ao monte.

Onde a natureza cavou uma ravina plantam-se umas avenças e surge uma cascata. Tudo de acordo com a natureza.

Se a natureza se tem lembrado de abrir um buraco redondo ou oval em qualquer ponto do parque o que não se faria ali?

Só é pena que a natureza não seja capaz de fazer estatuas, escadarias, palacios de exposições e lagos com barquinhos porque então tudo estaria feito e o trabalho da Camara limitar-se-hia apenas a uma grande taboleta dizendo assim:

Parque da natureza

Não é permitido colher flores. Fê-las a Natureza mas quem as vende é a Camara.

E agora se explica porque temos estado tantos anos á espera da construção do Parque: era para deixar obrar a Natureza que é o unico operario municipal que não tem ferias e não faz cera.

Os mendigos O sr. comandante Ferreira do Amaral descobriu uma solução para repressão dos mendigos que infestam Lisboa.

O processo é simples: resume-se em apanhar os mendigos, tirar-lhes o dinheiro das esmolas e entrega-lo á assistencia. Assim uns mendigos pedem para os outros e a gente já pode ser esmoler sem receio de empregar mal o nosso dinheiro, porque já se fica sabendo que ele vai sempre parar á Assistencia.

Isto faz-nos lembrar o celebre invento dum americano negociante de pelicas de pele de gato, que resolveu praticamente o problema da alimentação dos bichos.

Montou o americano uma

enorme gataria, com algumas centenas de milhares de gatos e, paralelamente, uma rataria, tambem colossal, mas em relação sabiamente estudada, com o numero de gatos da gataria.

Os ratos iam-se reproduzindo e o americano ia matando neles. Com a carne dos gatos, a que extraia as peles para pelica, sustentava os ratos e com a carne dos ratos sustentava os gatos.

Ora, *mutatis mutandis*, os mendigos das ruas farão de ratos e de gatos tarão os mendigos da assistencia.

Mas a nós é que nos levam a pele.

Rei-bandido Nunca mais se extingue esta enxaurivel fonte do Alganistão—um reino que, por já ter uma meia duzia de reis, não tem rei nenhum no trono.

Pelas ultimas noticias telegraficas, Bachai Sachao — o rei-bandido que começou a sua vida por aguadeiro, domina em Kabul, com um pé nas barricadas e outro no trono real.

É um bandido, mas é um homem que tem subido por si e continuará subindo sem-

pre, até á hora da morte, em que ainda terá de, naturalmente, subir ao cadafalso.

Este Bachai Sachao, guardadas as devidas proporções, faz-nos lembrar muitos outros bandidos que nós conhecemos que tambem teem subido por si.

Mas que grandes Sachaos...

Cartazes luminosos

Os cartazes luminosos, acumulados na baixa e suas imediações, transformaram Lisboa num grande pirilampo que não voa.

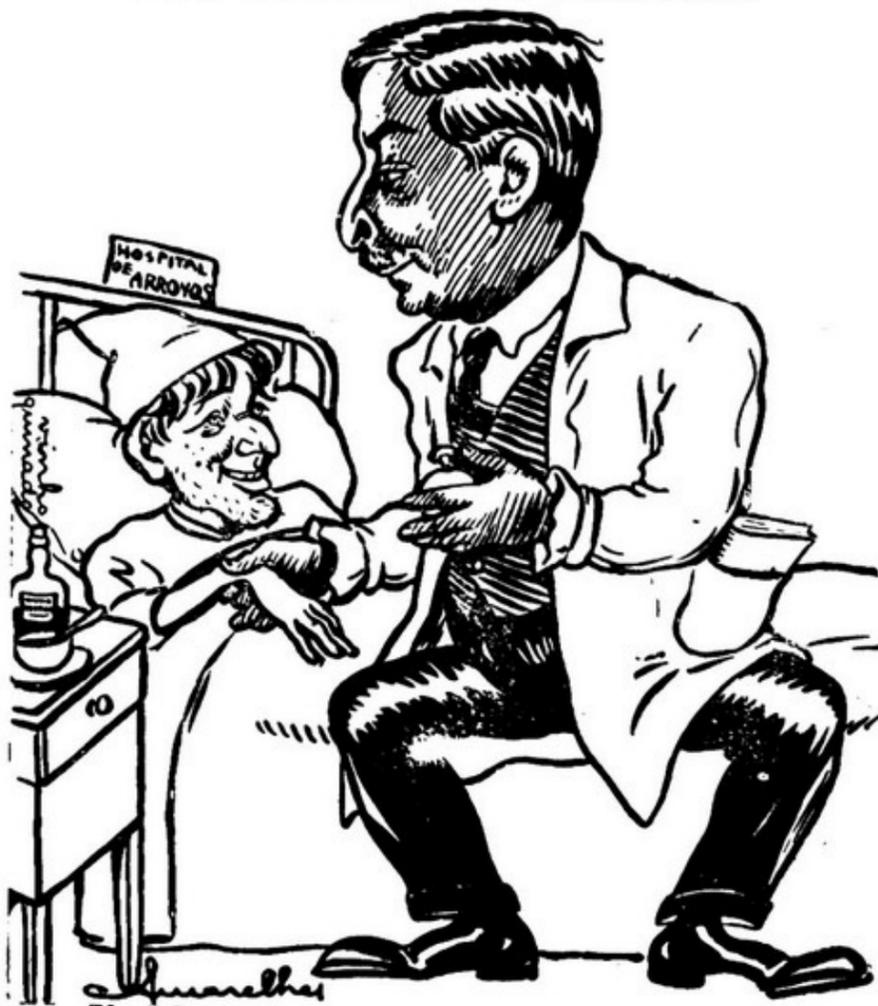
—Fumemisto, comam aqui-lo, bebam aquel'outro... Cerveja Estrela! Automoveis Citroën! Relogios Omega! Pilulas Pink! Remedios para os calos! O diabo!

Ha-os de todos os tamanhos e feitios.

Uns que jogam ás escondidas, outros que piscam o olho, outros que choram charutos, outros que andam á roda e até os ha que vão andando e largando a sua laracha.

Se isto assim continua, se não se extingue esta febre das lampadas electricas a fazer piruetas nas frontarias e por cima dos telhados, ainda ha-de constituir um bom reclamo ter a casa ás escuras.

DR. ANIBAL DE CASTRO



Um grande medico, capaz de convencer as doenças a fugir dos seus clientes, mas que não conseguiu convencer o Stuart Carvalhaes a não fugir da lei seca.

A falta de agua

Do ceu não cae nem pinga de agua, tal qual como se o ceu fosse um imenso contador de pressão, daqueles que dão um estalinho quando descarregam.

Dias lindos, sol de verão, as batatas a morrerem á sede, e o sr. Carlos Pereira a esfregar as mãos de contente, porque o sr. Carlos Pereira é hidrofobo—tem o horror da agua.

Agora mais do que nunca anda tudo a pedir chuva e a chuva a negar-se só para ser agradavel ao sr. Carlos Pereira

Analfabetos

Uma medida recente, do Ministerio da Instrução, proibe a emigração de analfabetos a partir de 1932. Trata-se de uma medida judiciosa, e tão cautelosamente decretada que não prejudica ninguém, tanto mais que só em 1932 entra execução.

Assim podemos, daqui até lá, desfazer-nos do grande stock de analfabetos que temos em armazem.

Depois, a partir daquela data, todos poderão emigrar mas exige-se-lhe dois bilhetes de passagem: a passagem no paquete e a passagem de 3.ª para a 4.ª classe, segundo reza o decreto, donde nós concluimos que a segunda passagem é para o saber.

Dizia-se antigamente que o saber não ocupava logar, mas agora tudo mudou porque, pelo menos a bordo dos navios de emigrantes, o saber ocupa logar e paga bilhete.

Descobrir Favaio

De Favaio recebemos amostras de trez tipos de vinhos. Mas que tipos!...

Era a gente a prova-los e eles a desaparecerem como por encanto.

Amostras daquelas só servem uma vez e, por mais que se faça, depois de provadas não se podem amostrar a mais ninguém com o mesmo tipo.

Se Alves da Cunha descobriu Favaio é que teve como guias trez tipos de uvelas, trez tiporios, trez tipos que só é pena não serem de tres em pipa.

Uma noite com guitarradas e fados só no Solar da Alegria

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NOMEOU-SE uma comissão encarregada de estudar as bases do concurso para o T. N. Julgamos que ainda não teve nenhuma reunião.

Ha tempo... O inverno vem longe... longe...

A proposito desse concurso, queremos lembrar o que disse Fialho de Almeida, em 1907, sobre o concurso que então foi aberto e sobre as condições impostas. Fechava com esta frase uma interessante entrevista que concedeu ao jornal *As Novidades*:

«— O D. Maria devia, enfim...

— Devia dar-se-lhe a maxima liberdade, como incentivo á maxima iniciativa. Os bafos officiaes crescem a vida do espirito e fazem das proprias aguias patas mudas. Com esta são já, no teatro de D. Maria, duas tentativas de arte protegida e durando o bastante para se tirar uma lição dos factos. Veja o resultado. Nem um actor illustre, nem uma escola de artistas, nem um dramaturgo, nem um scenografo, nem um critico! Um jigo de mediocridades que se aconselheiram na pompa da sua propria mediania. Peste!»

Noutra entrevista, publicada em 1906, no *Mundo*, Fialho expunha assim o seu pensamento sobre o T. N.:

«Julgo que é necessario tirar a administração da mão dos actores; entregar a escolha das peças a um *comité* de homens de letras, estranhos ao teatro; levantar as peças que, sob o pretexto de moral hipocrita, proibiram em D. Maria a representação do *Pai*, de Strindberg — pertencendo hoje ao teatro D. Maria a gloria de ser o unico teatro do mundo que teve o desaforo de recusar uma peça deste estranho e genial escritor, uma das maiores figuras intellectuais da Europa, neste seculo; estabelecer um ensaiador, armado de fortes poderes que o imponham ao corpo de actores, por forma a fazer acatar as suas disposições; e, finalmente, aumentar em muito do que actualmente são os direitos dos autores das peças originaes, fazendo-lhes chegar, por seu turno, boa parte dos lucros finais, até agora distribuidos apenas aos actores. Entendo que o D. Maria deve ser entregue a um empresario particular, pois que o Governo não tem que proteger o Teatro D. Maria.»

Recomendamos estes trechos aos membros da comissão nomeada...

UM dos adjectivos mais usados nos reclames teatraes é o de — *insigne*.

Já quasi todo o artista é *insigne*. Assim que faz dois ou três papeis com um pouco mais de trabalho artistico, entra-se logo a matar: *creação de fulano e formidavel trabalho do insigne artista...*

Ha dias, os jornais informavam o seguinte:

«Faz no dia ... a sua recita o *insigne actor* ..., com a *reprisc* da *notarel* peça ..., *creação da eminente actriz*...

Na mesa dum café, ao lêr-se, alto, esta noticia, alguém comentou:

— Este tambem já é *insigne*!

— Não me admiro nada...

— Tens razão... Ainda ontem era *insignl...ficante!*

— E' isso mesmo. Tiraram-lhe o *fi-cante* e ficou só *insigne*...

O MONSTRO já morreu... e apesar de não ser bom falar em mortos... com este não ha o direito de ficar calado. O monstro — que é como quem diz a

A' procura dum "az" ou á procura duma "aza"?



A grande internacional Laura Costa que tem estado «off-side», entra brevemente «em jogo», envergando a camisola vermelha.

Na revista «A' procura dum az», a gente de desporto vai ter ocasião de apreciar os seus pontapés certos, «dribblings» fulgurantes, marcação absoluta do adversario, enfim:—a estilização maxima da arte de jogar o «foot-ball» com os corações.

Os «bichinhos de seda» encontraram finalmente uma esplendida folha de amoreira para sua «mascotte».

peça — não podia ter outro fim. A distribuição foi feita ao contrario, completamente ao contrario. Parece mentira, mas é assim mesmo...

Imaginem os leitores que o actor R. de C. — o galá da companhia — fazia um papel de mais de sessenta anos... e o actor A. do S., que ainda não tem sessenta, mas que para já caminha, diz em scena, com todo o des-caro, que tem vinte e oito... Ha mais: o C. S. interpreta o papel de filho do R. de C.... quando devia ser o contrario!

Para que se fez isto? E' assim que querem salvar o teatro? Foi para fazer conjuntos destes que se uniram as duas familias sagradas?

Está tudo doido... Verdade seja que o publico voltou-lhe as costas e deixou o teatro ás moscas...

Quando entrará tudo nos eixos?
E' tempo de arripiar caminhol!

O C. P. sempre vai para o Odeon. Os camarins estão a fazer-se e o palco a arranjar-se, de forma a caber lá o grande actor...

Fala-se já no elenco dessa nova companhia dramatica. Apontam-se nomes varios. Os que temos ouvido são de molde a lembrar daqui ao C. P. que tenha cautela... que tenha cuidado!

Arranje bons elementos — que ainda os ha — e faça um conjunto apresentavel. Um nome só, á frente duma organização teatral, nos tempos de hoje, é pouco... é mesmo muito pouco!

Cautela, amigo C. P.!

O publico está exigente e os tempos são outros... Por muito prestigio que um artista tenha, não é sufficiente o seu nome para atrair o publico pagante ao teatro...

Cautela!

COMEÇA a ser vulgar o exemplo das peças e das revistas não agradarem na *première*, nem ao publico nem á critica... e fazerem successo passadas as primeiras representações.

A chamada *massa anonima*, que vai ao teatro pagando o seu bilhete, é, afinal, quem dá leis... E' essa *massa* que dá *massa* ao empresario... E' respeitavel, a todos os titulos, a sua opinião. Pois a *massa anonima* tem ido ao T. da T. e tem gostado da revista «Pó de Maio». Não só tem gostado como tem aplaudido e como tem dito bem... E' quanto basta. A empresa está a ver entrar o dinheiro que saiu...

«Pó de Maio», prestes a chegar ao seu mês, começa a embandeirar em arco... Parabens ao J. L. e parabens aos que colaboram com os autores naquella batalha diaria com o publico...

«Pó de Maio» venceu a critica, venceu o publico da *première*, e vencedor... caminha por aí fóra...

Ainda bem!

O R. M. faz a recita com a peça «O Perdão»...

A quem o pedirá e de que pecados?

O T. M. V. reabre com a opereta «A Rosa Engeitada» e diz-se que é a actriz I. S. que vai fazer a protagonista.

Parece piada, mas, se calhar, não é...

ESTAO actualmente em Sevilha três azes do riso, do nosso teatro: C. P., N. F. e E. A.

Falta um, para o baralho estar completo...

AFINAL, o T. N. abriu. A ameaça cumpriu-se. O A. de A. — de quem um critico disse que não vinha caracterizado — ameaça aparecer, na proxima peça, com umas longas barbas até ao peito...

E' sempre bom ir pondo as barbas de molho para que, para a outra vez, o critico veja bem lá de fóra o carmin e o negro dos olhos...

LÁ foi pela barra fóra mais uma companhia de comedia e lá partiram para a provincia mais duas de revista e opereta.

Abalaram, portanto, três companhias e Lisboa vai ficando, por isso, *abalada* sem artistas...

Não contámos, mas temos a certeza de que são mais os artistas que estão fóra de Lisboa de que os estão aqui trabalhando...

Nunca se é feliz na sua terra... E' frase velha!

Se voltarem contentes, bem vai, mas se vierem com mais ilusões e com menos de dinheiro, desgraçado teatro portuguez, que te vais afundando...

O Homem das 5 horas

FUME SUNRIPE

Cear bem passar uma noite agradável, só no Solar da Alegria.

Elevador da Gloria

Aos quarenta anos, já retirado dos negócios, Manuel Antunes, apesar do reumatismo, resolveu fazer uma asneira. A peor de todas: entregou o seu coração e cinco contos por mês, a uma rapariguinha a quem os galanteios e as galas da mocidade sorriram doidamente. Chamava-se ela Maria Alice. Morava para o Conde Redondo com uma velha criada, um papagaio malcreado, um piano desafinado, presente dum velho comendador, já falecido, e um cão, deveras inteligente como adiante se provará.

Maria Alice prometera ao Manuel Antunes uma fidelidade de companhia de seguros. Durou um ano aquela lua de mel, perfeita como um sonho e macia como um edredon. Manuel Antunes um dia, ou porque os seus padecimentos de estomago fossem mais ferozes ou porque se julgasse menos digno de Cupido, desconfiou de Maria Alice. Ao seu amigo Joaquim, companheiro do caixeiato, que enriqueceu durante a guerra e que ás vezes o ia visitar a casa de Maria Alice, — confiou as penas que lhe iam no coração. O outro sossegou-o. Não, não podia ser. Maria Alice era transparente como um cristal.

Manuel Antunes serenou, mas quinze dias depois, por acaso, chegou mais cedo que as três da tarde, ao seu ninho de amor, no Conde Redondo. A Maria Alice não estava.

— Foi á Baixa, comprar umas fitas para a camisa — respondeu-lhe a velha criada.

Antunes, triste, vencido, com a alma mais negra do que o carvão, esperou meia hora. Mil ideias lhe atravessaram o cerebro por segundo. Seria possível!... Traído como tantos!... De repente, o cãozinho da Maria Alice, entrou na sala, onde Antunes, já exausto de trabalho mental, parecia querer dormir. O animal festejou-o com enormes pulos. Saltou-lhe sobre as pernas — e instalou-se. Antunes, teve um sobresalto. Como descobrir o segredo de Maria Alice? Olhou o cão. A chave do enigma estava ali. Pô-lo no chão, e de olhar imperativo, mas de gesto brando, chamou-o:

— Kiss! Onde está Maria Alice!

O rafeiro, ao ouvir o nome da dona, ladrou de contentamento.

— Sabes quem ela ama?

A resposta foi dubia. O animal nem sequer agitou a cauda.

— Será o Manuel? — perguntou o Antunes, lembrando-se dum certo caso antigo que ela lhe contara.

Kiss não se mexeu.

— O Rogerio? (Este Rogerio era suspeito por morar no andar de baixo e ter uma cabeleira romantica).

— O Joaquim? — disse o Manuel Antunes, limpando as camarinhas de suor.

O cão, ao ouvir o nome do seu dono intermitente não se pôde conter. Ladrou de contentamento, saltou para cima do sofá, rebolou-se.

Não havia duvidas. Era ele! Quando Maria Alice entrou, Antunes atirou-lhe á cara o nome negregado, prometendo suicidar-se. A confissão confirmou plenamente a intelligencia do Kiss — e Antunes mudou de rumo... amoroso.



— O que faz você?
— É que acabei de jantar e vou fazer um palito.

As bruxas



Bruxa antiga



Bruxa moderna

Que coisa!

GUARDA-LIVROS

«Encarrega-se de escritas a preços de combate. Boas referencias. Resposta ao n.º 521. Rossio, 42.»

(Dum jornal).

Ando a moer o toutiço
Sem que esta charada mate:
«Escrita a preços de combate»
Como é que você faz isso?
Que diabo de disparate!
Isto até me causa enguiço!

— O que é que você combate:
É o preço... ou o serviço?

Ora esta!

Quem foi que pôs num jornal
«Escrita a preços de combate»?
Quem fez tão chécho dislate?
Não caio em mim de espantado,

ao vêr semelhante anuncio...
Credo! Jesus! Abrenuncio!
Para o que eu estava guardado!
Tenha vergonha, seu diabo!

Vergonha inda é coisa boa
E, em seu anuncio, expulsou-a
Com... um pontapé no rabo!
A ter sucesso o trabalho,

Já não me admiro nada
Se amanhã vir anunciada:
«Escrita por grosso e retalho»,
E mesmo até — porque não? —

Coisas assim neste gosto:
«Lençois, toalhas de rôsto
E escritas fim de estação».

Post scriptum:
Para anuncios desse estilo
Era melhor o remate:
«Escritas a preços de combate,
Em côres lisas, ás riscas,
Ao metro, ao litro e ao quilo,
Em bife, em sopa e em iscas»!...

A. I.

BOM HUMOR

— Qual é a coisa mais curiosa deste país?

— Minha mulher! Não ha nada que não queira saber...

O patrão: — Ia a apostar que quem fuma os meus cigarros és tu!

O criado: — Peço desculpa, patrão, mas eu nunca aposto...

Ela, criticando os novos vizinhos: — Não os compreendo. Não teem automovel, nem radio, nem gramafone. Ela, quando sae, não leva joias, nem peles...

Ele: — Talvez tenham dinheiro...

O medico: — Renuncie ao tabaco.

O paciente: — Não fumo.

O medico: — Renuncie á bebida.

O paciente: — Não bebo.

O medico: — Então renuncie a cinquenta escudos; é o preço da minha visita...

A cartomante, olhando a sorte de cartas: — Ha aqui uma mulher que persegue o seu marido por onde quer que ele vá...

A consulente: — Está arranjada! Meu marido é carteiro...

Descrição literario-conjugal:
— Nisto... levantam-se umas nuvens de pó... Ouve-se o fragor dum trovão.

— Estala a tormenta?

— Não... aparece minha mulher.

A mulher: — De modo que só voltas daqui a oito meses.

O marinheiro: — Sim... talvez mais...

A mulher: — Está bem, mas não venhas depois com a historia de que naufragaste, tendo que voltar a pé...

Entre amigos:

— Como, não ouviste a trovoadade ontem á noite?

— Não! Estava falando com minha mulher...

— Dizem os jornais que morreu um homem com 110 anos!

— Não é para admirar. Se meu avô vivesse, tinha agora 150!...

No consultorio medico:

O doutor: — Se a senhora quer emagrecer, o melhor que tem a fazer é comer dois pratos de vegetais por dia e um copo de sumo de laranja.

Ela: — E tudo isso antes ou depois das refeições?

CASA DAS SORTES GRANDES

Bilhetes a 180000
Vigressimos a 8000
Quadragesimos a 4000

Lotaria de Santo Antonio — 1.º premio 3.000 contos.

Bilhetes a 840000
Quadragesimos a 21000

Pedidos a José Pedro — 178-Rua Arco Bandeira-178 — (Pelo correio mais 1 esc.)

O Fado por Alberto Costa só no Solar da Alegria.

FUME SUNRIPE

Sortes grandes? só o PINA...
78 — Rua de S. Paulo — 78



As corôas funebres

O Pires era um batoteiro emérito e, exactamente por isso, o seu jogo predilecto era o «Monte».

O Pires era mesmo um sabio em materia de batota. Ninguém como ele sabia fazer um salto ao rei, nem fazer as paradas mais complicadas com «posta» ou sem «posta». A sua unica preocupação era o «monte», que ele era capaz de jogar mesmo a dormir.

Um dia, morreu-lhe a mulher, que ele estimava como bom marido que era. O seu primeiro cuidado foi chegar ao telefone e encomendar uma corôa funebre. Da loja responderam-lhe:

— Mas diga V. Ex.* que especie de corôa quer, porque as ha de diversos preços.

— Oh co'os diabos! — fez o Pires — Isso agora é que é um embaraço porque eu não percebo nada disso. Olhe, mande três para escolher.

E assim foi.

Da loja mandaram as corôas, mas quando chegaram a casa do Pires, estava ele preocupadissimo com a visita de pezames do seu chefe de repartição e foi uma pessoa de familia que as recebeu e, julgando tratar-se de três corôas de três amigos, de três homenagens á defunta, colocou-as junto do atafide — uma á cabeça e duas aos pés. O Pires nunca mais pensara no caso.

No dia seguinte, porém, um pouco antes do enterro, o dono da loja das corôas, achando excessiva a demora para escolher uma corôa, entre as que enviara, mandou lá o caixeiro:

— Manda dizer o sr. Fulano para devolver as corôas que não são precisas.

O Pires ficou atonito e começou a Inquirir do paradeiro delas entre as pessoas de familia, até que aquela que as tinha recebido replicou:

— As corôas estão ali; uma á cabeça e duas aos pés.

O Pires então compreendeu tudo e, com a maior naturalidade, como se estivesse na batota, concluiu, resolvendo a questão:

— As duas corôas que estão aos pés da dama retiram...



O capataz — Esmorem-se vocês que ali estão três dentistas entre os miroses...



— Dantes o pequeno não se adiantava nada e nós deitavamos as culpas aos livros...

— E agora?

— Agora, mudaram os livros e também não se adianta.

— Então é que o defeito não é dos livros, é da cabeça.



No Solar da Alegria todas as noites «Os Pompeus».

Doenças modernas

Generalidades — E', sem duvida, uma das grandes epidemias modernas, e depois do tifo é a que mais victimas tem causado.

Recente, de ha dois ou três anos para cá, já contaminou mais de 17.000.000 de individuos, só em Portugal!...

Em virtude dela alguns empresarios teatraes têm recolhido ao manicomio Miguel Bombarda, os actores desmaiam e têm sincope e as casas de espectáculo, em vista da dilatação sensível da lotação dos cinemas — o verdadeiro indice epidemico — sentem, na bilheteira, uma atrofia constante!...

Os jornais lançam gritos de alarme, e em virtude do numero de epidemicos ser demasiadamente grande, alguns teatros transformaram-se em cinemas — isto é, vacinaram-se... — para poder albergar os doentes contaminados, de modo a eles encontrarem condições de bem estar e deconforto!...

E a doença devastadora vai prosseguindo a sua marcha!

Sintomas — São inumeros e pernilhões fazer um diagnostico certo e consciencioso.

Antes de mais nada, deve saber-se, se o doente frequenta os cinemas.

Investiga-se isso fazendo-lhe uma pesquisa nas algibeiras, procurando um papelinho, de cor variavel — o resto do bilhete que comprou para lá entrar.

Se essa analise der positiva, e se, portanto, forem encontrados residuos do bilhete, podemos dizer com certeza — embora sem saber a gravidade — que o doente está atacado de febre cinemoidé.

A inversa, porém, não é verdadeira. Além disso, torna-se indispensavel saber a opinião do doente sobre o Teatro.

Em três casos se resume: acha superior ao cinema, encolhe os ombros, ou relega-o para a profunda dos infernos, preferindo, acimade tudo, a «Setima-Arte».

Estes três casos, correspondem a três graus de doença, de gravidade

crescente, sendo o primeiro benigno, mas o ultimo já um caso muito grave.

Uma analise ao quarto da pessoa contaminada, também é aconselhavel, e se virmos por lá revistas de cinemas ou retratos de artistas cinematograficos, ficamos com um elemento de valor para o nosso diagnostico.

Ha também quem escreva para as revistas da especialidade, Inquirindo a altura da «estrela X», se se podem declarar á Greta Garbo ou ao Ramon Navarro, ou ainda se têm condições fotogenicas para virem a ser «astros» ou «estrelas» brilhantes do firmamento cinegrafico.

Estes são os doentes no estado agudo, cuja cura é impossivel!...

Patologia — Pouco diremos sobre esete assunto e basta apenas saberem que a febre considerada quasi sempre se complica com a «Teatrofobia» e que muitas vezes leva á «Tisica... nas algibeiras».

Neste ultimo caso sucede, como logo se vê, aos que têm pouco dinheiro e que o gastam todo em bilhetes, revistas e outros «artigos» cinematograficos.

Os mais atacados pela «Tisica» de natureza cinematica são os estudantes, crianças e militares sem graduação.

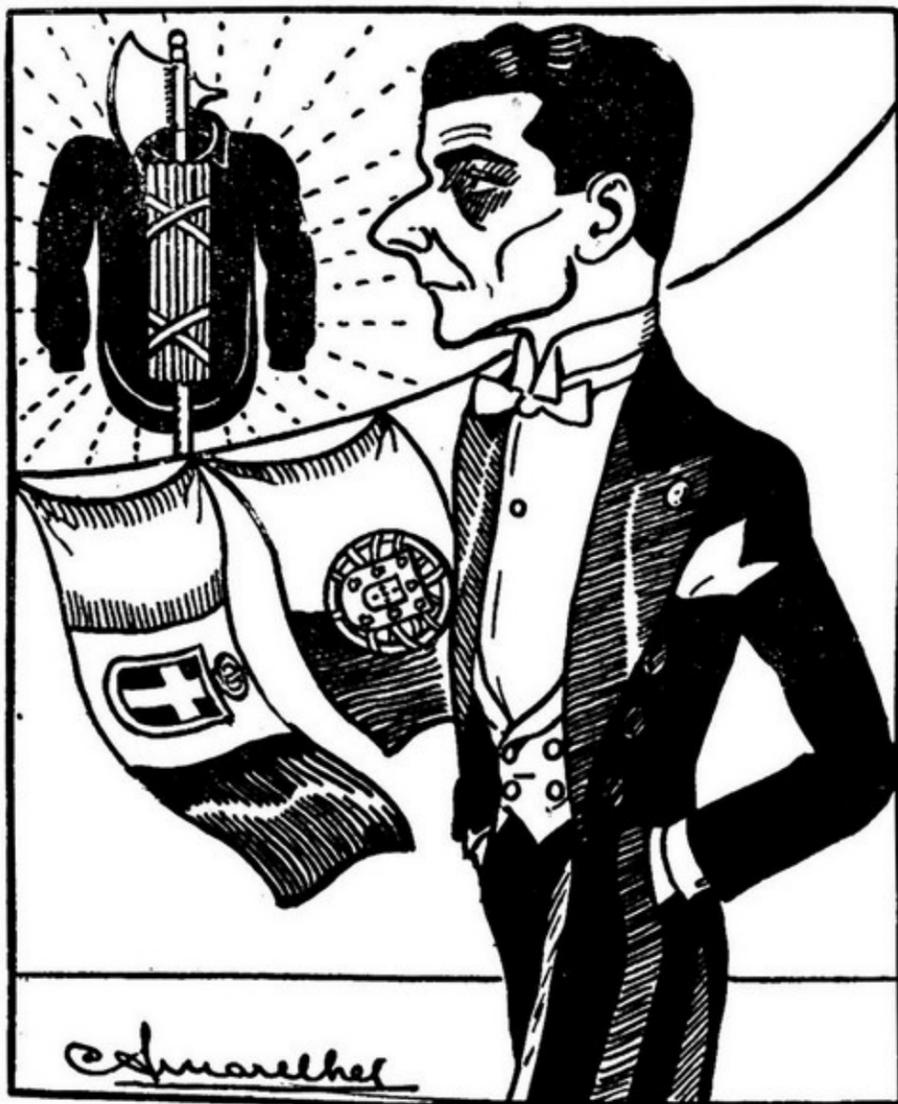
Proflaxia e Cura — Como meios proflaticos aconselhamos o afastamento dos focos infecciosos: cinemas e, sobretudo, dos Teatros, causa indirecta da epidemia, pois quem lá vai acha tudo tão retes que jura aos seus Deuses, nunca mais lá voltar!

Experimenta em seguida o cinema e, é claro, é mais uma victima a juntar á hecatombe.

A cura completa obtém-se nas grandes altitudes, como o Zimborio da Estréla, etc., etc., desde que o doente lá viva uns anos, pois em tais regiões a doença cessa em virtude de não ter condições de adaptação e desenvolvimento.

(Do Manual de Doenças Modernas Infecciosas, de)

Mario Augusto



Amarelhel

Sua Ex.* o «Mussolinissimo» ministro de Italia

Riso amarelo

Numa reunião de certa associação universitaria, fez o humorista Mark Twain uso da palavra nos seguintes termos:

«Ha muitos anos, em S. Francisco da California, sendo eu reporter dum jornal, ou querendo sê-lo, tinha o dono duma casa de emprestimos a seu cuidado todos os objectos de algum valor que eu possuia, e um amigo meu, poeta e sem emprego, ambos passando fome negra. Julgou este meu amigo que a sua vida era um fracasso; e eu disse-lhe que, com effeito, assim me parecia.

Então o poeta declarou que se devia suicidar, ao qual respondi: «Perfeitamente, muito bem pensado!» O que era um conselho bem desinteressado para um amigo em tão apurada situação. Mas, como em todos os conselhos, havia em mim um pouco de egoismo, que era o de dar a noticia do suicidio em primeira mão, anticipando-me aos outros reporters e assegurando o seu lugar.

O poeta podia muito bem passar sem viver; e assim, tanto pelo seu beneficio como pelo meu, procurei que lhe não saísse da cabeça a sua resolução, o que me pareceu necessario porque os suicidas costumam ser muito variaveis nas suas ideias e ás vezes é difficil mantê-los firmes nos seus propositos.

O meu amigo tinha preferencias pela pistola, o que era um disparate, porque os dois reunidos não dispunhamos de fundos suficientes para alugar uma arma de tal especie.

Convencido da dificuldade, decidiu arrojarse á agua, o que me pareceu uma ideia excelente.

Encaminhou-se para as margens do rio, e eu sempre atrás dele, para vêr se o suicidio se realizava em toda a regra. Aconteceu então qualquer coisa de muito emocionante e novelesco. Boiando na superficie do mar, vim's chegar a uma coisa que sem duvida tinha estado á mercê das ondas durante largos anos e que tinha cruzado o amplo oceano Pacifico para chegar, como uma mensagem de grande significação para o pobre poeta, até vir quasi aos seus pés. Era um cinto salva-vidas!

Isto era uma complicação. E eu tive então uma ideia, o que ao meu amigo nunca acontecia, especialmente quando tratava de escrever versos. Propuz-lhe que empenhassemos o salva-vidas para comprarmos um revolver. O nosso prestamista cedeu-nos, em troca do salva-vidas, um velho pistão com uma bala da grossura duma noz. E não fez objecção alguma ao saber que se tratava apenas do suicidio dum poeta.

Conseguimos, entre todos, que a bala atravessasse a cabeça do meu amigo. Foi um momento terrivel o de apoiar o canhão da pistola á cabeça do meu amigo e de apertar o gatilho. Mas o projectil arrastou consigo todo o cêbo contido na cabeça e, com ele, a faculdade poetica do individuo. Este, desde então, passou a ser um membro util da sociedade.»



— Este papel precisa muita vida. A senhora ouve as confidencias do seu amante. Subito entra o seu marido. Que lhe diz?

— Ora... Digo-lhe... que se vá embora...

No Tribunal

O juiz: — Que idade tem?
O réu: — 38 anos.
O juiz: — E' casado ou solteiro?
O réu: — Casado.
O juiz: — Com quem?
O réu: — Com uma mulher...
O juiz (indignado): — O senhor já viu alguma casado com um homem...
O réu: — Sim, senhor. A minha mulher...

O juiz: — O seu nome?
O réu: — Antonio Joaquim.
O juiz: — O seu estado?
O réu: — Menos mal, sr. juiz...

A testemunha, referindo-se a uma outra chamada Silva Costa, trata-o sempre e unicamente por «Silva».
O juiz, intervindo: — Olhe que a pessoa a quem a senhora testemunha se refere não é Silva; é Silva Costa.
A testemunha: — E' que eu não gosto de Costas...

O juiz: — Não diga mendigo: diga mendigo...
O réu: — E porquê, sr. juiz?
O juiz: — Pelo menos por isto: porque a mendicância se acentua...

O advogado de defesa para o de acusação: — Ora! Ora! V. Ex. dá uma no cravo e outra na ferradura...
Resposta do outro: — Puderá! Se

O juiz: — O seu nome?
O réu: — Joaquim Felício.
O juiz: — E' casado?
O réu: — Não, senhor.
O juiz: — Solteiro?
O réu: — Não, senhor...
O juiz: — Então é viúvo?
O réu: — Não, senhor juiz.
O juiz (irritado): — E' então divorciado?
O réu: — Também não, sr. juiz.
O juiz: — Então o que é o senhor?
O réu: — Sou ajuntão...

O juiz: — Onde estava a testemunha quando se praticou o delito?
O marinheiro: — Delito?! Que raio de coisa é delito?!
O juiz: — Que raio de homem é o senhor que não sabe o que é delito?! Delito é o crime.
O marinheiro: — Ah! Eu estava ao pé da bitácula.
O juiz: — Bitácula?! Que raio de coisa é bitácula?!
O marinheiro: — Que raio de juiz é V. Ex. que não sabe o que é bitácula?



— Ao principio de casados levavamos muitas vezes a jantar fóra e agora...
— E' que já vais sabendo alguma coisa de cozinha.

Menino prodígio

Do casamento de Luis Bernabé com a Baronesa da Couve Flôr nasceu um roliço garoto que deu logo mostras da sua espertesa. Os pais puzeram-lhe o nome de Buliçoso Flôr, que não concordava entre si, porque buliçoso é masculino e flôr é feminino. Mas isso não importava. De Buliçoso contam-se varias «saídas» que demonstram que o seu espirito é bem o espirito gentil que Donizetti afinal não achou para a Favorita, sem piada á fabrica de chocolates.

Quando era estudante, Buliçoso conseguiu ser «urso», ele que era simplesmente flôr. Os professores viam-se embaraçados para o esclarecerem nas perguntas que ele lhes fazia! Mas os mestres também ficavam embasbacados com as respostas do aluno. Buliçoso, sempre garrido no seu vestuário, apresentava-se em geral nas aulas com uma gravata de seda côr de alface, com um alfinete que representava a frontaria da casa onde morava. Era prosador futurista e dele são estes periodos:

«O grilo borboleteava pesaroso sobre a identidade pictural da alface prehistorica. Na corrente dos seculos espingardeava anemica, a perturbação linfatica das rosas desfolhadas. O mar era uma grande tina movel onde os peixes semicuplavam as suas maguas de barbatanas hírsutas.»

E, como este, outros periodos interessantes...

Buliçoso Flôr já no banco das escolas se revelara. Principalmente na cadeira de zoologia, foi notavel e aplicado. A acuidade do seu espirito é provada neste interrogatorio.

O professor: — Dê-me um exemplo dum reptil.

O aluno, depois de ter passado a mão pela testa: — Uma cobra.

— Muito bem — diz o professor. — Outro exemplo:

Resposta rapida: — Outra cobra...

O mestre rejubila pela sabedoria do aluno e dispõe a fazê-la brilhar: — Dê-me o exemplo dum quadrupede.

— Duas galinhas — responde logo Buliçoso.

Os professores ficavam sempre boquiabertos perante a sciência deste aluno admiravel, que, quando terminou o seu curso, recebeu a proposta para tratador dos elefantes do Jardim Zoologico.

Buliçoso é um génio. As suas palavras são lapidares. No dia da sua entrada no professorado, disse:

— Na cadeira farei a arona insaciavel do meu egotismo pedagogico.

No dia do seu casamento, brindou assim:

— O Hemineu é o deus sarcástico da aliança dos sexos, vista através do carinho reciproco de duas almas corporizadas!

Quando lhe nasceu o primeiro filho:

— Ao tocar a maçã gostosa da paternidade, saúdo a mãe da creança como a representante da Paixão Idolatra dos beijos que se trocam entre esposos.

Quando lhe morreu a mulher:

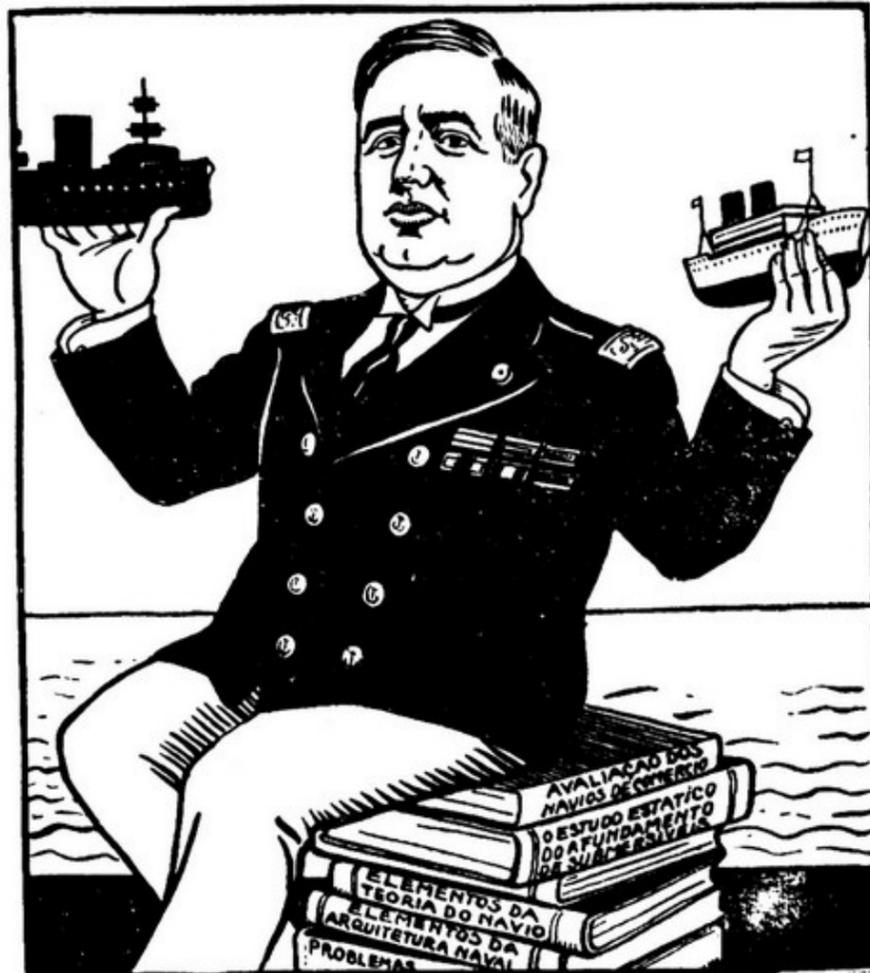
— A minha sensibilidade enverga os crepes da orfandade marital!

Quando entrou na Academia das Sciencias:

— Saúdo os intangíveis da sciencia, para quem o anacronismo se transforma em enciclopedia popular.

Cóca Bichinhos.

A Cesar o que é de Cesar



O engenheiro Cesar Ferreira que está convencido de que, com os seus livros, pode fazer navios para a marinha de guerra

A explicação do Homem

Actualmente, os livros explicam tudo. O homem não dá um passo que não recorra ao livro. Ha varios livros necessarios ao homem. Os principais são: O livro de cheques e o livro de mortalias.

Desde muito novo, o homem carece de explicação. E' por este motivo que abundam os explicadores.

Tudo isto representa a necessidade de saber.

Mas a sabedoria é o grande mal. Saber não ocupa lugar. E' por esta razão que os homens que apanham três lugares... não sabem nada.

A evolução do calçado acompanha a evolução da ignorancia. Os antigos, que sabiam mais do que nós, andavam com sandalias. Precisavam de poupar o calçado, porque eles bem sabiam que o homem que sabe muito... anda apê.

Um senhor filosofo chamado Descartes quiz dar ao homem a certeza da existencia do homem. E propôs esta sentença:

Penso, logo existo.

Mal sabia ele que a sua criada, que por contagio também se saiu filosofa, atirou para a sciencia necessaria a explicação do homem, esta outra grande verdade:

Quem pensa não casa.

Mas ainda ha pior do que isto.

No tempo do sr. Descartes, pensar era existir. Em verdade, a explicação do homem veio mostrar-nos que a verdade se *descartou* da sentença do grande filosofo. A verdade é que, quem pensa... não existe.

Os tempos mudaram, e a verdadeira explicação do homem, aconselha ao ao dito, o seguinte: *Pago, logo existe.*

Ha homens velhos e velhos homens e ainda ha o contrario destas duas coisas.

Assim como ha pessoas que querem pensar e ha as que pensam sem pensar.

A verdade é que o pensamento já se não usa.

Por todas estas razões, e ainda outras mais especiais, ou mais razoaveis, todo o homem carece de explicação.

No nosso seculo, nada se consegue sem que um homem... se *explique*. Porque muito infeliz é um homem que não percebe esta frase: Não arranjaste nada, porque não te *explicaste* até... á conta necessaria...

V. Claro.



— Se eu não tivesse nascido, tu não serias avô...

— Evidentemente.

— E não pagas nada pelo serviço?



ONDULAÇÃO
Lavandoff.

No Solar da Alegria canta-se o Fado.

FUMÉ SUNRIPE



O que se diz e o que se não deve dizer

Os acontecimentos da semana desportiva

No domingo passado, os aficionados da bola puderam beber mais quatro gotas do campeonato por doses homeopáticas.

O mais extraordinário resultado foi obtido pelo *Belencenses* — 8 a zero sobre o *Casa Pia*.

Após esta cabazada, tende a popularizar-se a quadra que diz:

*O Belencenses faz «goals»
Com linhas feitas de gaz.
O Ramos é quem as prepara
e o Zé Manel é que os faz!*

Muitas vezes se tem dito que alguns críticos de *foot-ball* mantêm com a gramática, a sintaxe e a ortografia relações algo superficiais. Cumprimentam-se mas não se falam...

Tal estado de coisas começa, porém, a modificar-se.

Haja em vista este trecho duma crítica de segunda-feira última:

«Aos 34 minutos, um *shoot* de Guedes Gonçalves ditou alfim o vencedor. Depois um terceiro *goal* castigou o desapêgo dos *leões*, ao mesmo tempo que ficou dando uma melhor imagem do jogo.»

Ora isto é que é uma crítica estilizada. Até que alfim!

Está em moda o tiro aos pratos. Está em moda nas colunas desportivas dos diários — porque o tiro aos pratos é, ha muito tempo, um desporto praticado entre nós.

Tiro aos cosidos, tiro aos fritos e aos assados e ás caldeiradas e ás cabidelas.

O tiro ás sopas é, desde tempos imemoriais, praticado todos os domingos na carreira do Campo Grande, pela Guarda Nacional Republicana.

E o conhecido *sportsman*, mais ou menos estrangeiro, John of Grain é, no seu *stand* da travessa da Palha, o re-

cordman incontestado do tiro á meia desfeita.

Um senhor concorrente ao Quilometro de Arranque conseguiu convencer os commissarios tecnicos de que o seu automovel pertencia a uma classe determinada.

Desse modo triunfou officiosamente nessa classe.

Contudo, o seu socio na representação de marca protestou publicamente contra um erro de reportagem e por pouco não protestou tambem — no que teria muita razão — contra o primeiro premio obtido.

Vai daí, como se se tivesse desconfiado que o carro andava demasiado para tão reduzidas dimensões do motor, requereu-se oficialmente que o motor fôsse rigorosamente medido. Mas o concorrente argumentou que o carro estava a ares na provincia e preferiu *desinteressar-se do assunto*...

Resultado — uma desclassificação. Moralidade — ha protestos que, embora constituam aparentemente bons reclames á americana, acabam por ser contraproducentes... e demandam uma certa dose de audacia alemã...

O Club Nautico Português, que já instituiu uma Taça de Inverno, está fazendo disputar uma Taça Primavera.

E' crível a criação proxima duma Taça Meia-Estação para mono-tipos, bi-tipos, tri-tipos e poli-tipos.

A Comissão de Turismo do A. C. P. organiza no domingo que vem um grande passeio automobilista ás Caldas. Espera-se que, durante o almoço, se revelem cilindradas que deixem a perder de vista a do *Flecha de Ouro* do major Segrave.

Rebola-A-Bola.

Uma boa noite com fados só no Solar da Alegria

FUME SUNRIPE



AMOR



AVIAÇÃO



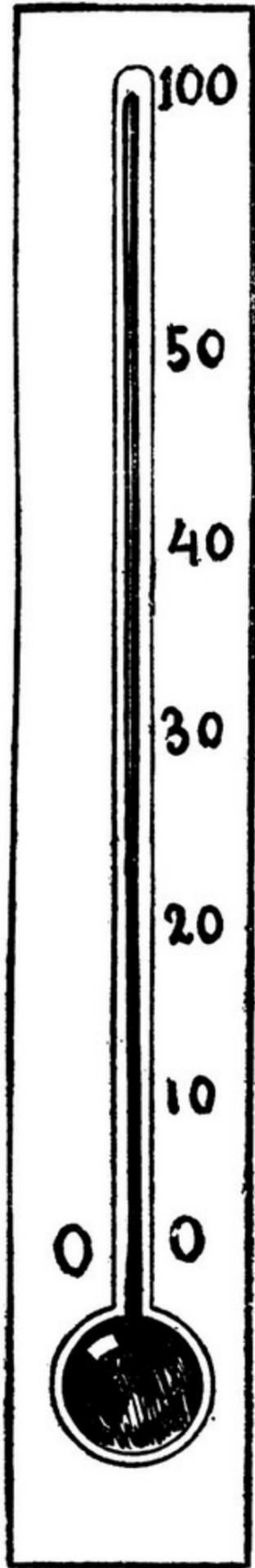
EQUITAÇÃO



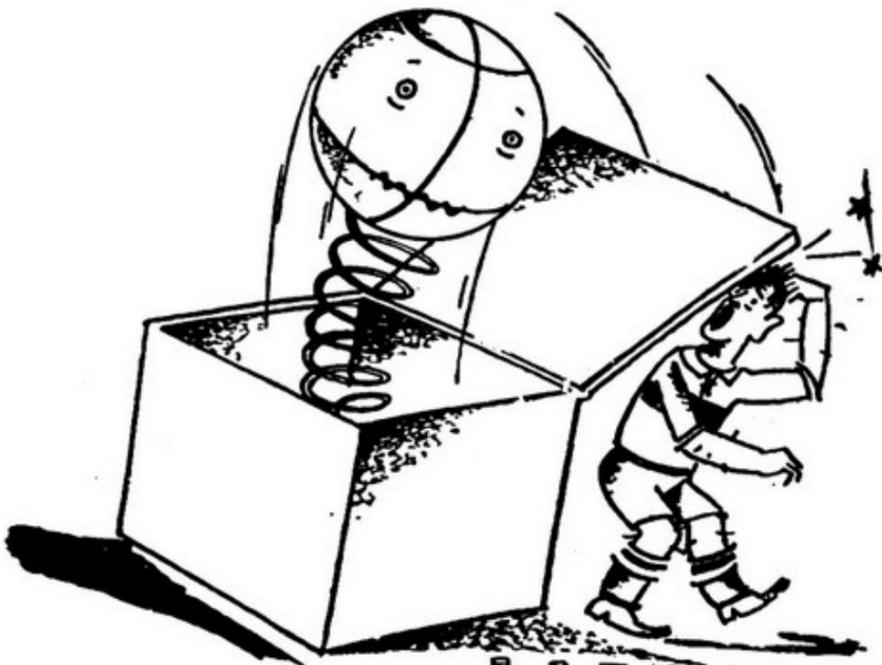
ESGRIMA



FOOT-BALL



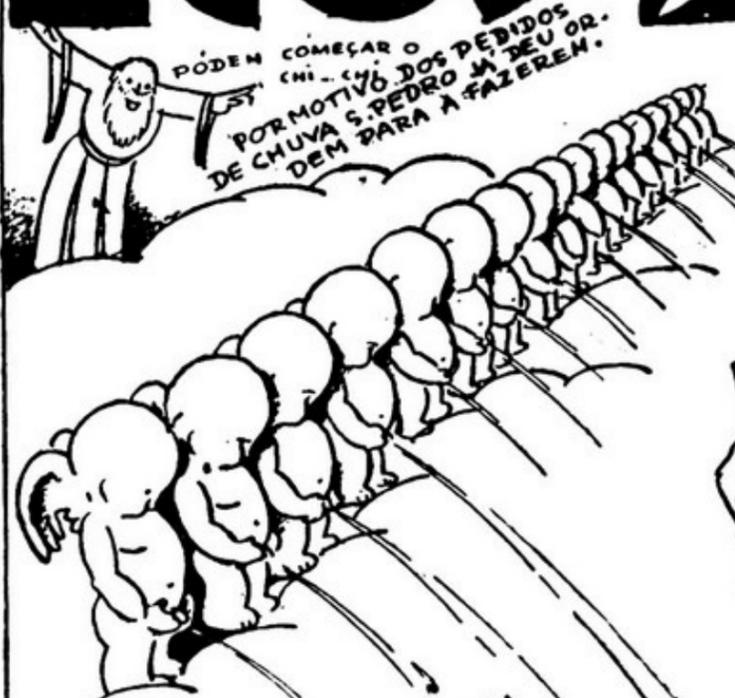
BOX



—O «foot» continua a ser uma caixa de surpresas... e sursoltas...

Como se prova que fômos sempre uns grandes conquistadores! No box o que nos vale é o *Camarão*... ao natural, porque o *Coelho* foi comido...

ECOS DA SEMANA



PODEM COMEÇAR O EMBARQUE POR MOTIVO DOS DEBIDOS DE CHUVA E PEDRO JÁ DEU ORDEN PARA A FAZERM.

COMO JÁ NINGUEM PÔDE EMIGRAR SEM SABER LER, PARA BEM DOS EMIGRANTES O SÁBIO LEITE DEVASCONCELOS ESTABELECEU CURSOS DE APRENDISAGEM EM 5 MINUTOS JUNTO AO CÁS DE EMBARQUE.



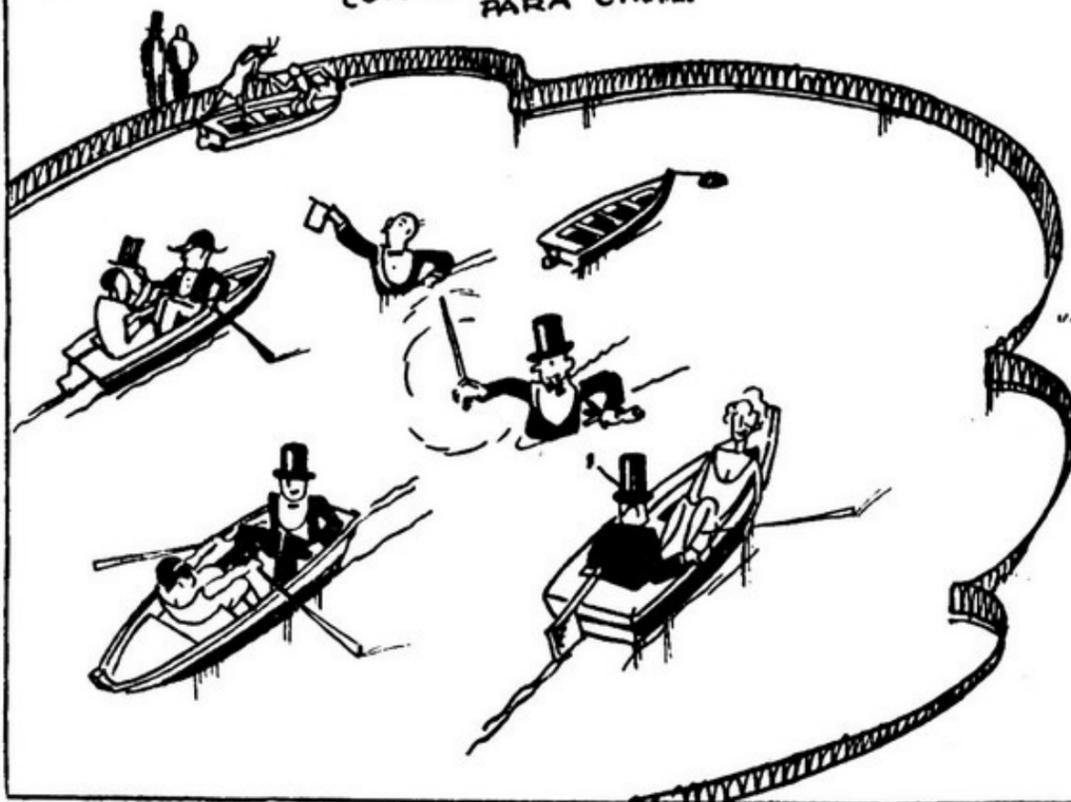
ORA CHEGA-CHEGA-CHEGA ORA ARREDA-ARREDA-ARREDA PARA TRAZ

DECORREU COM GRANDE ENTUSIASMO O BAILADO DAS HORAS

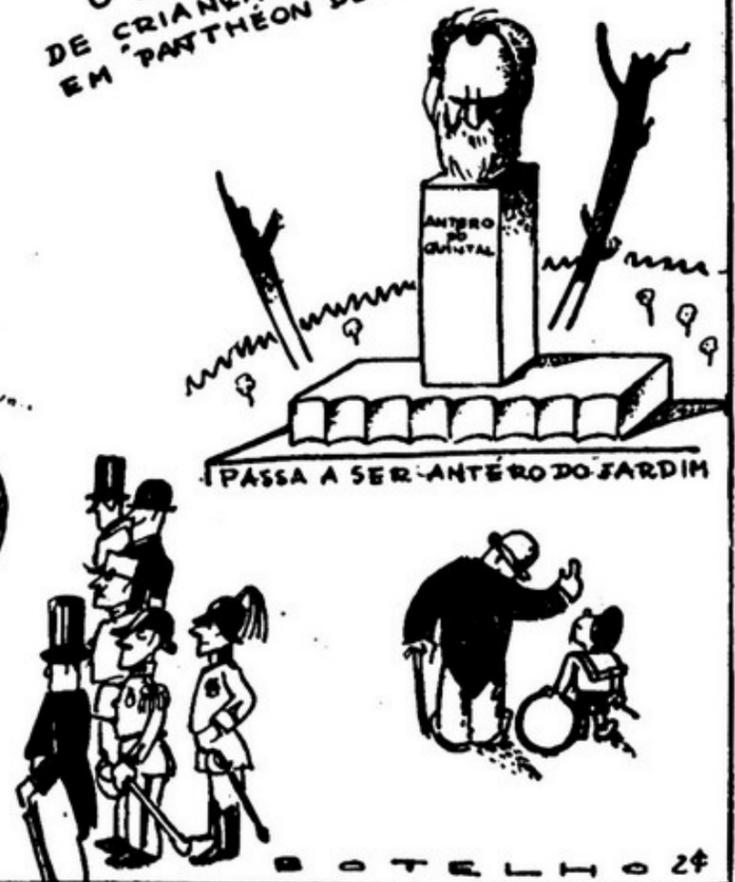


DELA NOVA LEI DO DR. SALAZAR SÃO OBRIGADOS TODOS A APRESENTAREM-SE TACHADOS ÀS AUTORIDADES -

NO LAGO DO PARQUE, CONFORME O EDITAL, SÓ TEM ENTRADA AS PESSOAS COM POSIÇÃO SOCIAL DE MINISTRO PARA CIMA.



O JARDIM DA ESTRELA - JARDIM DE CRIANÇAS ESTÁ TRANSFORMADO EM 'PANTHEON' DE HOMENS ILUSTRES.



PASSA A SER ANTERO DO JARDIM